

Formar consciências e não substituí-las!



Pe. Luís Marinho

Assistente Nacional
an@escutismo.pt



«Somos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las», enuncia com grande clarividência o Papa Francisco na recente Exortação Apostólica *Amoris laetitia*, no contexto dos n.os 36 e 37, onde faz uma saudável autocritica à ação da Igreja, reconhecendo o quanto «nos custa deixar espaço à consciência dos fiéis, que muitas vezes respondem o melhor que podem ao Evangelho no meio dos seus limites e são capazes de realizar o seu próprio discernimento perante situações onde se rompem todos os esquemas» (n.º 37).

O desafio do Papa funda-se num pressuposto estruturante da fé cristã, explicitamente retomado mais adiante no seu texto, e assim formulado no Concílio Vaticano II: «A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser.» (*Gaudium et spes*, n.º 16) É evidente que todas as dimensões devem ser consideradas no encontro de cada ser humano com a pessoa de Jesus Cristo. Contudo, ao definir a consciência como «centro» e «santuário», a Igreja indica um caminho irrenunciável para qualquer proposta credível de evangelização.

Sem dúvida que a consciência é ela mesma um espaço aberto em desenvolvimento, passível de formação e amadurecimento: «Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social.» (*Gaudium et spes*, n.º 16) O mesmo se diga da possibilidade de erros: «Não raro, porém, acontece que a consciência erra,

por ignorância invencível, sem por isso perder a própria dignidade. Outro tanto não se pode dizer quando o homem se descuida de procurar a verdade e o bem e quando a consciência se vai progressivamente cegando, com o hábito do pecado» (*Gaudium et spes*, n.º 16), ou, como tantas vezes refere o Papa Francisco, a consciência «isolada e autorreferencial».

Por isso, para melhor incorporar a consciência das pessoas na práxis da Igreja, o próprio Papa Francisco fala do «amadurecimento de uma consciência esclarecida, formada e acompanhada pelo discernimento responsável e sério do pastor» (*Amoris laetitia*, n.º 303).

Para além do contexto específico das «situações chamadas irregulares» evocado na mais recente exortação apostólica, parece-me ser este um imenso campo a aprofundar no âmbito da missão evangelizadora do CNE, onde «a Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta “arte do acompanhamento”, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. Ex 3,5). Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã» (*Evangelii gaudium*, n.º 169). Bem se vê que se trata menos de reformar regulamentos do que de formar pessoas, particularmente Dirigentes, disponíveis para se deixarem acompanhar para poderem acompanhar outros: «Os discípulos missionários acompanham discípulos missionários.» (*Evangelii gaudium*, n.º 173)